

TEXTO PROBLEMATIZADOR
GRUPO DE TRABALHO 2 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA

**Ensinar geografia para resistir e transformar: problematizações sobre a
formação docente em tempos de crises**

Kalinka Ribeiro Aragão Melo (UFG) - kribeiroaragaodemelo@gmail.com
Liz Cristiane Dias (UFU/Pontal) - lizcdias@gmail.com

Apresentação

Fiel à metodologia do Fórum Nacional NEPEG, que rompe com o modelo expositivo para privilegiar o debate coletivo, este texto não pretende resumir nem antecipar os trabalhos aprovados no GT 2. Sua função é problematizar os eixos que estruturam o grupo, formulando questões amplas que sirvam de porta de entrada para que os próprios autores tragam seus textos para a conversa. Trata-se, portanto, de um convite: um conjunto de provocações a serem tensionadas, recusadas ou reelaboradas ao longo das discussões. Sob o tema “Ensinar para resistir e transformar realidades em tempos de crises”, os trabalhos convergem para uma questão de fundo: que professor de Geografia estamos formando, e para qual escola, em que sociedade, diante de quais crises?

Propõe-se, no primeiro dia, uma sessão conjunta, aberta pela palestra do grupo e por uma reflexão sobre a própria trajetória do GT como espaço de formação continuada. No segundo dia, o grupo se divide em duas salas: a primeira dedicada à formação inicial, ao estágio e à iniciação à docência; a segunda, à formação continuada, às práticas pedagógicas e à docência em tempos de crise. Cada sala organiza-se em três blocos. As questões que os encerram são deliberadamente abrangentes: não pretendem esgotar os temas, mas abrir o debate.

Sala A - Formação inicial, estágio e iniciação à docência

Bloco A1 - Iniciação à docência: entre a promessa transformadora e a fragilidade estrutural. Os programas de iniciação à docência são narrados como experiências transformadoras, capazes de aproximar universidade e escola, constituir

identidade docente e abrir espaço para pautas urgentes, como o antirracismo, a educação socioambiental e a inclusão. Essa centralidade convive, porém, com uma fragilidade estrutural raramente enfrentada: a intermitência do financiamento e a dependência do engajamento individual, que tornam incerto o que permanece quando o vínculo se encerra. Em que medida esses programas transformam, de fato, a formação, e o que se perde quando são lidos apenas como experiências bem-sucedidas? Que condições permitiriam que essa transformação se sustentasse para além da bolsa, alcançando também os professores e as escolas que os acolhem?

Bloco A2 - Estágio, campo e experiência: os espaços-tempo que formam o professor. Estágio, trabalho de campo e mobilidade constituem espaços-tempo privilegiados de produção de saberes docentes, nos quais o licenciando confronta o conhecimento acadêmico com as dinâmicas concretas da escola e do território, elaborando aquilo que virá a ser sua profissionalidade. O desafio é reconhecer esses saberes da experiência sem romantizá-los como vivência inefável nem reduzi-los à métrica de dispositivos avaliativos externos, cuja centralidade na regulação da formação vem crescendo. Que saberes o estágio, o campo e a experiência efetivamente produzem na formação do professor, e como reconhecê-los sem cair nesses dois extremos? E a articulação entre universidade e escola, tantas vezes afirmada como necessária, realiza-se como estrutura ou permanece no plano da intenção?

Bloco A3 - A licenciatura em questão: atratividade, currículo e o sentido da docência. Um paradoxo atravessa a formação inicial: no momento em que se sofisticam os debates sobre currículo, extensão e inovação pedagógica, cresce o desinteresse dos próprios licenciandos pela carreira docente. Formar bem não basta se o sentido de ser professor se esvazia diante das condições concretas do trabalho e das narrativas que desvalorizam o magistério. Para qual escola e para qual professor estamos formando, quando os próprios licenciandos recusam a carreira? E como a formação pode reconstruir o sentido da docência, formando para as reformas educacionais sem abrir mão de resistir criticamente a elas?

Sala B - Formação continuada, práticas pedagógicas e docência em tempos de crise

Bloco B1 - Formação continuada: onde, e por quem, o professor continua a se formar? A formação continuada tornou-se um território disputado: acontece na universidade, na escola, na coordenação pedagógica, nos grupos de pesquisa e nas experiências de intercâmbio. O deslocamento que reivindica a escola como seu lócus por excelência carrega uma ambivalência que merece debate, pois tanto pode valorizar o professor como sujeito de sua formação quanto mascarar a transferência, para o próprio docente, de uma responsabilidade que o poder público não assume. Onde, e sob que condições de tempo, reconhecimento e financiamento a formação continuada realmente acontece? Reconhecer a escola como lócus formativo é conquista legítima ou terceirização de uma formação que deveria ser garantida?

Bloco B2 - Pensamento geográfico, metodologias e conteúdos: o que e como se ensina. No centro da prática docente está uma articulação delicada entre o que se ensina, os conteúdos, os conceitos e as categorias do raciocínio geográfico, e o modo como se ensina. As metodologias ativas e o trabalho de campo surgem como respostas ao ensino transmissivo, mas trazem consigo o risco de que a técnica ocupe o lugar do conceito e de que a inovação metodológica, em vez de fortalecer, esvazie o pensamento geográfico. Como articular conteúdo e método sem que um se torne mero pretexto do outro? E o que caracteriza o pensamento propriamente geográfico que a formação deveria construir, e onde residem as lacunas que dificultam ensiná-lo?

Bloco B3 - Docência crítica diante das crises: clima, território e diversidade epistemológica. As crises: climática, socioambiental, social e epistêmica, deixaram de ser conjuntura externa para se instalar no cotidiano da sala de aula, convocando a docência em Geografia a responder a vulnerabilidades ambientais, a emergências climáticas e a demandas por reconhecimento de sujeitos e saberes historicamente silenciados. Ensinar para resistir e transformar significa, nesse contexto, formar professores capazes de ler criticamente o espaço em crise e de acolher, na Geografia escolar, epistemologias que a tradição hegemônica marginalizou. O que significa ensinar para resistir e transformar quando a crise já está dentro da sala de aula, e que formação docente isso exige? A inclusão de epistemologias diversas amplia efetivamente a Geografia escolar ou é absorvida como tema exótico, sem alterar o cânone? E a docência em tempos de crise nomeia uma conjuntura passageira ou a nova condição estrutural do trabalho docente?

Um convite ao debate

Os seis eixos aqui delineados não esgotam a riqueza dos trabalhos reunidos no GT, tampouco pretendem enquadrá-los. As problematizações foram formuladas de modo propositalmente aberto, para que cada autor reconheça, nas perguntas, o território de seu próprio texto e o traga para o debate a partir de suas evidências, dúvidas e apostas. O que costura os eixos é a compreensão da formação de professores de Geografia como um campo de tensões: entre o inicial e o continuado, entre a técnica e o conceito, entre a experiência e a métrica, entre a adaptação e a resistência.

Sejam todas e todos muito bem-vindos a este espaço de diálogo e construção coletiva. Tragam suas experiências, suas perguntas, suas inquietações e também suas possibilidades. Que este encontro nos permita não apenas compartilhar o que temos pensado, mas, sobretudo, pensar juntos sobre a docência que queremos construir e sobre os caminhos que podemos coletivamente abrir para a formação de professores em tempos de crise.